

REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS E ICONOLÓGICAS DA VIRGEM MARIA.

Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (MBP/UEM)
João Paulo P. Rodrigues (PPH/UEM)

RESUMO: Desde o século V, a Igreja Católica publicou uma série de documentos e cartas dogmáticas com a finalidade de atestar e sacralizar a figura de Maria perante os cristãos. Aliada as festividades em louvor a Nossa Senhora e as distintas representações iconográficas nos últimos séculos, essas medidas desencadearam uma mudança do papel da Virgem perante a Igreja. De uma vaga referência evangélica a um personagem eximamente familiar e divino de modo equivalente ao seu filho. Nesse artigo centralizaremos a discussão em torno de três imagens: Nossa Senhora da Conceição, dos Navegantes e das Águas.

Palavras-chaves: Catolicismo popular, Nossa Senhora, Iconografia Mariana.

ABSTRACT: Since the fifth century, the Catholic Church has published a series of documents and dogmatic letters in order to attest and sacralize the figure of Mary before the Christians. Allied with the festivities in praise of Our Lady and the different iconographic representations in the last centuries, these measures triggered a change of the role of the Virgin before the Church. From a vague evangelical reference to an eximely familiar and divine character equivalent to his son. In this article we center the discussion around three images: Our Lady of the Conception, the Navigators and the Waters.

Keywords: Popular Catholicism, Our Lady, Marian Iconography.

No catolicismo popular, a Virgem Maria exerce papel semelhante e de total relevância ao do seu filho Jesus Cristo. Para os seus devotos, ela é a protetora, a mãe bondosa, a justiceira e a defensora das minorias. Apesar de existirem poucas passagens de sua vida na Bíblia, Maria, ao longo do tempo tornou-se um personagem extremamente familiar e habituado na Igreja Católica. Assim, esse artigo preocupa-se em compreender o processo de popularização e devoção da Virgem Maria, pautado em três indicativos: Festas em louvor a Santa, Iconologia Mariana e as Cartas Dogmáticas.

ESTUDOS E REGISTROS DA VIRGEM MARIA

As raízes para essa devoção teriam origens milenares, referidas em livros apócrifos, passagens bíblicas e bulas dogmáticas como veremos a seguir. O documento biográfico de santos “Legenda Áurea”, escrito no século XIII pelo frade Jacopo de Varazze (2003), revela que Maria foi gerada da união de Joaquim, fazendeiro e criador de ovelhas, natural de Nazaré, e Ana, filha de Mathan, um sacerdote que vivia em Belém e tinha outras duas irmãs. Casaram-se prematuramente, o documento menciona que constituíam um casal

“justo” e seguidor dos mandamentos do Senhor, no entanto, não conseguiam dar a luz a nenhum filho. Após 20 anos de amargura e pedidos, Ana engravidou e deu à luz a uma filha, que recebeu o nome de Maria. Ao completar três anos, a menina foi levada ao templo, onde, de acordo com a promessa dos pais, viveria a serviço do divino. A Virgem foi ali educada e só retornou à casa dos pais aos 14 anos para se casar com José. Segundo a historiadora Edilece Souza Coto (2004), até esse período são pouquíssimos os registros sobre a vida de Maria. Sua biografia torna-se mais completa após o nascimento de Jesus Cristo, nas passagens bíblicas.

Ao todo, a Virgem Imaculada é mencionada 19 vezes no Novo Testamento, na Carta Encíclica de João Paulo II, “Redemptoris mater” o Papa destaca algumas aparições da virgem nas escrituras sagradas, nas quais vale destacar: O aparecimento do arcanjo Gabriel o anúncio de que seria ela a mãe do Filho de Deus em Lc, cap 1, v26-56, na visitação à sua prima Isabel em Lucas, capítulo 1, versículo 39-56. A sua purificação e a apresentação do Menino Jesus no templo em Lucas, capítulo 2, versículo 22-38; na procura pelo menino no templo, quando este debatia com os doutores da lei em Lucas capítulo 2, versículo 41-50. Na famosa parábola sobre as bodas de Canaã, na Galileia em João, cap 2, v 1-11, quando João Paulo (1989) constata que é nessa passagem que a maternidade de Maria é desvelada e ela passa a atuar como mediadora dos homens perante Cristo.

A Virgem é novamente citada na passagem à procura de Cristo enquanto este pregava e o elogio que lhe faz em Marcos, capítulo 3, versículo 33-35; ao pé da Cruz quando seu filho aponta a Maria como mãe do discípulo e a este como seu primogênito em João, capítulo 19, versículo 26-27 e por último depois da ascensão de Cristo aos céus, onde a Virgem era uma das mulheres que estavam reunidas com restantes discípulos na passagem de Atos dos Apóstolos. Sobre essa última passagem João Paulo atesta:

Há uma outra passagem do evangelho que confirma essa maternidade na economia salvífica da graça no seu momento culminante, isto é, quando se realiza o sacrifício de Cristo na cruz, o seu mistério é pascal. A descrição de São João é concisa “estavam junto à cruz de Jesus sua mãe, a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena”. Jesus, então, vendo a mãe perto do discípulo que amava, disse à mãe: “Mulher eis o teu filho! Depois disse ao discípulo, eis a tua mãe” e a partir daquele momento o discípulo levou-a para a sua casa. (JOÃO PAULO, 1989, p.43).

Para o pontífice, desse episódio nasceu um novo vínculo na relação Mãe e Filho, em que a maternidade de Maria em relação aos homens é claramente precisada e estabelecida.

AS CARTAS DOGMÁTICAS E A ICONOLOGIA MARIANA.

O historiador Oscar Calavia Saez (2008) ressalta a existência de diversos fatores que contribuíram para transformar a figura de Nossa Senhora de uma vaga referência evangélica a um personagem eximamente familiar e divino de modo equivalente ao seu filho como, por exemplo, o processo de criação iconográfica e iconológica da Virgem Maria. Somado a esse fator podemos mencionar também as cartas dogmáticas marianas que atestam sobre a Maternidade Divina, Virgindade Perpétua e a Imaculada Conceição e por último e os cultos e festejos em louvor a Virgem. De acordo com Aducci (1998) o dogma da Maternidade Divina foi proclamado pela Igreja Católica no Concílio de Éfeso em 431 considerando Maria a "Mãe de Deus". O Dogma sobre a Virgindade perpétua, enveredou-se nas falas do Bispo Ambrósio de Milão, por volta do ano 391 ou 392, no documento "De Institutione Virginis", que dedica-se em defender a virgindade perpétua de Nossa Senhora.

Sobre essa temática, os cristãos acreditam que Maria era pura quando concebeu Jesus, mas apenas a Igreja Católica e os ortodoxos creem que ela ficou eternamente virgem. Alguns setores do catolicismo ligam a ideia da sua pureza na tese do nascimento de Cristo pela profecia de Isaías, presente no capítulo 7 da Bíblia Sagrada "Pois saibam que Javé lhes dará um sinal : A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamara pelo nome de Emanuel". O terceiro dogma refere-se a Imaculada Conceição, em 8 de dezembro de 1854, publicada pelo Papa Pio IX

Que a doutrina que defende que a beatíssima Virgem Maria foi preservada de toda a mancha do pecado original desde o primeiro instante da sua concepção, por singular graça de privilégio de Deus onipotente e em atenção aos merecimentos de Jesus Cristo salvador do gênero humano, foi revelada por Deus e que, por isso deve ser admitida com fé firme e constante por todos os fiéis¹.

Por meio dessas bulas dogmáticas, Maria paulatinamente passa da condição de Serva do Senhor conforme é mencionada em Lucas, capítulo 1 versículo 38-48, para Mãe de Deus e Mãe da Igreja.

¹Disponível em

<http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=decretos&artigo=20060220&lang=bra>.

Acesso no dia 04/07/2017.

Para Couto (2004), anteriormente à proclamação do dogma, já existia culto em louvor a Virgem em diversas partes do continente europeu. Em Portugal, D. João IV oficializou os louvores em 1º de dezembro de 1640, data da sua coroação e quando se iniciava a oitava da festa da Imaculada Conceição. “Seis anos depois, ele dedicou à Maria o reino português e tornou oficial e obrigatória a realização das homenagens no território lusitano e nas suas colônias” (COUTO, 2004, p. 97). Aliada a essas bulas dogmáticas, percebemos também a existência de um processo paulatino, ancorado nas transformações imagéticas da Virgem Maria nos dois últimos milênios, como artifício de perpetuação da figura de Nossa Senhora no catolicismo. O historiador Saez (2008) ressalta que as primeiras imagens da Virgem fazem claras referências aos modelos sírios:

Talvez o primeiro episódio digno de destaque na história dessa iconografia (de acordo com a obra clássica de Emile Male) seja a vitória dos modelos figurativos sírios. Até hoje, essa figura envolta no *maphorion*, que cobre a cabeça e oculta os cabelos continua sendo a representação mais comum da virgem, derrotando os primeiros ensaios iconográficos gregos, que a representavam com as roupas e o penteado das damas nobres do Império (SAEZ, 2008, p. 208).

No início do segundo milênio, a iconografia mariana se desenvolve a partir do modelo da Theotokos bizantina, o pesquisador considera que a figura da Virgem nesse momento aparece sentada num trono ou servindo de trono para Jesus Cristo. Paulatinamente essa Nossa Senhora hierática e distante de qualquer humanidade, foi sendo substituída por figuras mais flexíveis que apresentavam não mais um deus sentado num trono carnal e sim uma criança no colo da mãe (SAEZ, 2008, p. 208). Paralelamente, essa mudança substancial, a imagem da Virgem passou a agregar em sua face emoções (a dor e o suplício) como forma de representar a sua humanidade. Saez (2008) afirma que a figura Maria deveria ser ao mesmo tempo divina e humana, divina porque era uma mãe excepcional para época afinal gerava em seu ventre um ser sagrado e simultaneamente humano. Assim a maneira mais comum de representar essa dignidade consistia em lhe atribuir os atributos da realeza (SAEZ, 2008, p. 207). Por isso as menções e títulos como Rainha, Rainha Mãe e Rainha da Paz. Sobre o assunto a antropóloga Reesink assinala:

A imagem de Nossa Senhora, na fala de Paulo, é também símbolo distintivo, marca de um espaço católico – onde se encontra o fiel –, que se diferencia de outros espaços, pois ainda é sacro. A sacralização, [...] está diretamente relacionada com a proteção (e também com essa distinção), pois a proteção

se dá em razão da sacralização do espaço e da pessoa. Isso induz a pensar que o carro é protegido e protege as pessoas, porque a imagem da Santa, no vidro, o torna sacralizado, intocável. A idéia é que a própria imagem carrega um poder sacralizante que livra e protege do profano, ao sagrar o espaço que toca. O profano, nessa concepção, é o mal e todas as desgraças que ele acarreta. Assim, com uma imagem o sagrado entra nesse lócus profano e o santifica separando-o. (REESINK, 2005, p. 274).

Couto (2004) atesta que na iconografia a figura de Maria se apresenta em distintas posições do corpo e cortes das vestes, carregando ou não o descendente de Deus nos braços, envolto de objetos variados. A historiadora afirma que normalmente a Virgem utiliza uma túnica branca, um manto azul, e traz na cabeça a coroa real. Nas imagens presentes nas igrejas é habitual se encontrar a Rainha sobre o planeta terra amarfanhando uma serpente, ícone do pecado original e da visão dualista do sexo feminino: mãe bondosa e acolhedora e, ao mesmo tempo, maligna e tentadora. Para Couto (2004) nas imagens dos cultos populares, o animal está vivo, circundando a terra ou enrolada no corpo da estátua. Nesse caso, a cobra tem outro significado: simboliza a procriação, a fertilidade presente nos antigos cultos agrários. Sob os seus pés podem aparecer uma lua em fase crescente e cabeças de anjos, na ilustração abaixo observar um exemplo dessa figura, representada na imagem de Nossa Senhora da Conceição:



Figura 1: Nossa Senhora da Conceição. Disponível em <http://www.serralvesantiguidades.com>. Acesso no dia 25/02/2017.

Esta imagem trata-se de uma monumento português, do século XIX. A escultura está representada de pé com as mãos postas em oração. O rosto possui uma expressão graciosa e dócil. Ostenta uma túnica drapeada até aos pés com manto em movimento, firmada sobre uma lua crescente e três cabeças de anjo. Abaixo constatamos um globo terrestre envolvido por uma cobra. Assim, as representações desses temas fascinantes apresentam aspectos que são peculiares a esse meio. Em “A história cultural: entre práticas e representações”, o historiador Roger Chartier (2002) pontua o conceito de representação como a maneira como o indivíduo ou uma comunidade podem se apropriar de uma determinada prática cultural e dessa prática emergirem novas práticas culturais. Por conseguinte, a representação é vista como o “relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente” (Chartier, 2002, p. 21). De acordo com Chartier:

Em determinada época, o cruzamento de diferentes suportes (linguísticos, conceituais, afetivos) comanda modos de pensar e de sentir [...], por exemplo, sobre os limites entre o possível e o impossível ou sobre as fronteiras entre o natural e o sobrenatural. (Chartier, 2002, p. 31).

Para Chartier (2002), as representações coletivas podem ser consideradas um conjunto de bases responsáveis pela sustentação das práticas culturais que edificam o próprio mundo social: “Mesmo as representações coletivas mais elevadas não têm existência, não são realmente tais senão na medida em que comandam atos” (Chartier, 2002, p. 11). Outro fator que ajudou na familiarização da figura da Mãe Rainha no catolicismo foi os cultos e festejos em louvor a Nossa Senhora. Segundo Couto (2004), a Igreja Católica costumava homenagear a Virgem Maria com três festas. Na primeira, em 8 de setembro, comemorava-se o seu nascimento e no segundo a sua purificação, também denominada de Hipopante ou Candelária. Sobre o segundo festejo e as suas distintas denominações, Couto (2004) ressalta:

O primeiro nome (Purificação) se deve ao fato de que toda mulher, após dar à luz, deveria ficar 40 dias sem entrar no templo, pois era considerada impura. Passado esse período, ela deveria ir ao templo apresentar o seu filho e fazer oferenda. Se parisse uma menina, esse tempo de impureza era dobrado. Segundo a Igreja, Maria não estava obrigada a cumprir essa regra, pois concebeu Jesus por obra do Espírito Santo. Por isso, a sua purificação é vista como um sinal de humildade. Hipopante significa apresentação ou encontro. A festividade recebe também esse nome para lembrar a apresentação de Cristo ao templo. E, por último, pode ser chamada de Candelária porque a mulher deveria entrar no templo carregando uma candela, vela acesa. (COUTO, 2004, p. 96).

A terceira celebração era realizada no dia 15 de agosto, quando é louvada a sua Assunção. O dogma da Assunção proclama que Nossa Senhora, Mãe de Deus, no fim de sua vida terrena foi elevada em corpo e alma à glória celestial. Este dogma foi decretado pelo Papa Pio XII em 1º de novembro de 1950.

Depois de elevar a Deus muitas e reiteradas preces e de invocar a luz do Espírito da Verdade, para glória de Deus onipotente, que outorgou à Virgem Maria sua peculiar benevolência; para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e vencedor do pecado e da morte; para aumentar a glória da mesma augusta Mãe e para gozo e alegria de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que a Imaculada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, terminado o curso da sua vida terrena, foi assunta em corpo e alma à glória do céu (PIO XII, 1950, p. 44).

FÉ E CELEBRAÇÃO: A HISTÓRIA DE NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS.

Ivatuba, assim como centenas de pequenas cidades do norte paranaense, é fruto do processo re-ocupação do Norte do Paraná desenvolvido pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Segundo Padilha (1985) o efetivo loteamento da cidade de Ivatuba ocorreu após a aquisição da faixa de terras próxima ao Rio Ivaí por parte da empresa Pareja e Cia Ltda., comercializada pela referida companhia no começo da década de 1950. Os primeiros moradores, oriundos em sua grande maioria dos estados de São Paulo e Santa Catarina, paulatinamente adquiriram propriedades para o cultivo da lavoura de café. Em 11 de julho de 1951, a região foi elevada a distrito de Maringá e em 18 de novembro de 1961 a município, sendo realizado oficialmente a instalação solene com a posse do primeiro prefeito eleito, o agricultor Vander Ribeiro.

No final da década de 1960, a comunidade católica de Ivatuba presenciou um fato inusitado, segundo relatos de antigos moradores². Em uma Celebração Eucarística o Pároco do Município teria feito a premonição de que a cidade nunca se desenvolveria para o sentido Sul. Coincidência ou não, de fato essa região, por mais de duas décadas não apresentou desenvolvimento econômico relativo. Embora as terras estivessem cercadas

² Entrevista realizada no dia 2 de agosto de 2008 com a Sr Maria Presa, ministra da eucaristia na solene celebração.

pelo rio Ivaí, o que ocasiona numa área altamente valorizada economicamente, a produção de grãos nunca foi eficiente.

No entanto, no final dos anos 1960, um lote de terras de 21,3 alqueires foi adquirido pela família de Anísio Furlan³, em 1980 o mesmo adquiriu mais um sítio de 20 alqueires, totalizando uma área de 41,3 alqueires. Furlan, em entrevista, diz que sua intenção era construir um condomínio de lazer naquele local. No ano de 1997, após uma extensa pesquisa sobre o conjunto de leis e normas para a implantação deste empreendimento, iniciou-se o projeto que no futuro receberia o nome de “Condomínio Pontal do Ivaí”, em uma clara referência ao respectivo rio. Com uma intensa propaganda fundamentada no ideário de lazer, diversão e meio ambiente, os primeiros lotes foram vendidos num rápido espaço de tempo. Porém, Anísio Furlan⁴ e os responsáveis pelo condomínio Pontal do Ivaí encontraram um grande problema que inviabilizaria toda comercialização dos lotes do condomínio: a falta de água para abastecer a região.

Segundo o dono do loteamento, diversos especialistas, como geólogos, analisaram as condições do condomínio com a intenção de localizar um lugar que pudessem servir como poço artesiano. A empresa Poços Iguatu, responsável pela obra dos reservatórios, perfurou aberturas de até mil metros e em nenhum destas foi localizada água potável. Preocupados com o problema, os responsáveis pelo loteamento solicitaram que o Padre Jair Favoretto, que acabara de adquirir um lote na região, fizessem uma celebração em louvor a Nossa Senhora, para que esta intercedesse pelos condôminos em busca da água. O Padre aceitou o pedido e ministrou uma missa pedindo a intervenção da Virgem Maria.

Após alguns dias, em nova tentativa, a empresa ao perfurar uma abertura de quinze metros encontrou água potável. Com noventa metros de profundidade o montante deparado já era suficiente para abastecer todo loteamento. Assim, puderam retomar o processo de comercialização das datas do terreno. Em dezembro 2001, após o término das obras de infra-estrutura, o Padre Jair Favoretto⁵, procurou Furlan, com a intenção de realizar uma festa similar a de Nossa Senhora dos Navegantes, numa forma de potencializar o turismo na região e de ecoar aos fiéis a importância da preservação ao meio ambiente e os cuidados com o rio Ivaí.

³ Fundador e atual síndico do Condomínio Pontal do Ivaí.

⁴ Entrevista realizada no dia 30 de abril de 2009 com o Sr Anísio Furlan.

⁵ Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2009 Revmo. Sr. Padre Jair Favoretto

No entanto ambos rejeitaram a idéia da celebração ser em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes, pois essa acontecia em diversos lugares do Brasil como na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul e no Paraná nas cidades de Boa Esperança do Iguaçu, Coronel Domingos Soares, Itaipulândia, Paranaguá, Pato Bragado e Porto Rico. Segundo Padre Jair Favoretto, foram realizadas diversas reuniões com o grupo sindical do loteamento, para a escolha do nome da festa e criação da alcunha da santa que passaria a ser a padroeira do condomínio. Assim, decidiram pelo título de Nossa Senhora das Águas, pois a celebração iria acontecer às margens do rio Ivaí. Também o intuito era agradecer a Virgem Maria pela graça da água alcançada ainda no processo de comercialização dos lotes.

Logo que iniciado o processo de construção e elaboração da Rainha das Águas o Padre Jair Favoretto viajou para cidade de Aparecida do Norte, centro do catolicismo no Brasil e contratou um artesão especializado na confecção de santos. Ao observarmos a imagem criada pelo artesão paulista⁶, podemos considerar uma diferença substancial em relação a Nossa Senhora dos Navegantes. Ao contrário da primeira santa, conhecida em nosso país, no caso de Nossa Senhora das Águas, a âncora, símbolo dos pescadores e navegadores, se localiza no centro de Maria, mais precisamente na posição do coração. Na imagem de Nossa Senhora dos Navegantes a mesma âncora se encontra no canto esquerdo da imagem também carregada pelo menino Jesus. Como podemos observar na imagem abaixo.



Figura2. Nossa Senhora dos Navegantes.
<http://capelasntoantonio.blogspot.com/>

⁶ Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2009 Revmo. Sr. Padre Jair Favoretto afirma não recordar o nome do artesão responsável pela confecção da imagem da santa.

Acessado no dia 23/11/10



Figura 3: Nossa Senhora das Águas, acervo Anísio Furlan

Para o Padre Jair Favoretto, esta mudança é essencial, pois a Virgem Maria atua como a intercessora destes pescadores, logo, seria mais justo que o símbolo destes navegadores estivesse no mesmo local que o seu coração, representando um ato de amor, ternura e proteção⁷. Outra disparidade entre as duas imagens refere-se à cor do manto, no caso de Nossa Senhora das Águas a vestimenta tem o tom azul claro e branco predominante em toda figura, podemos considerar esta mudança como uma alusão à pureza da água encontrada nos poços artesianos do Rio Ivaí, mencionada regulamente nas celebrações em louvor a Santa.

Duas imagens foram confeccionadas. Uma se encontra à beira do rio Ivaí na gruta de Nossa Senhora das Águas, no condomínio Pontal do Ivaí. A outra se encontra em posse do padre Jair Favoretto. Segundo Anísio Furlan, o sindicato do loteamento institui o dia 22 de agosto, como data comemorativa a Nossa Senhora das Águas, pois essa é o dia universal de Nossa Senhora, instituído pelo papa Pio XII. Sobre o surgimento de Nossas Senhoras, Edésia Aducci (1998) elucida que a denominação de uma nova santa, é algo muito particular, restrito a cultura de uma determinada comunidade ou grupo católico, na qual em grande parte precisam confirmar a sua condição de fé ou passam por alguma necessidade. No caso a que se refere este texto, tem-se como exemplo a Nossa Senhora das Águas, que surgiu da emergência de um grupo pela busca do bem potável.

⁷ Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2009 Revmo. Sr. Padre Jair Favoretto

Cabe ressaltar que a água pode ser considerada mais que um bem indispensável à população, essa é ao mesmo tempo um recurso natural essencial para o desenvolvimento econômico de uma região, no caso o condomínio Pontal do Ivaí. Este bem natural é fundamental para a conservação dos ciclos químicos, geológicos e biológicos responsáveis por manter em equilíbrio o ecossistema. Preservar a água protegendo as nascentes dos rios, conservando matas ciliares, combatendo a poluição e reduzindo o consumo diário deste bem são medidas cabíveis para a população.

Nas homilias pregadas pelo Padre Jair Favoreto essas práticas são pontuadas como necessárias para o equilíbrio e salvação do mundo, os sermões enfatizam a água como o bem natural indispensável para a sobrevivência de toda humanidade, neste contexto a Virgem Maria se apresenta como uma manifestação da água, ao tempo em que ela atua como protetora daqueles que necessitam economicamente do bem (os pescadores e turistas) como daqueles que zelam pelo equilíbrio do planeta (os romeiros). Aliás, o padre Favoreto reforça que a padroeira do Ivaí não atua apenas como a protetora do rio e de suas redondezas, mas carrega o dogma da mãe de Jesus Cristo, responsável pela reencarnação da segunda pessoa (Pai, Filho e Espírito Santo), papel incisivo na Igreja Católica. Assim, torna necessário refletir e perceber quais foram os pólos aglutinadores das manifestações populares no culto mariano.

CONCLUSÃO

Como podemos constatar, algumas nomeações recebem determinados termos em função de um fenômeno ou acontecimento “fantástico” que permeia a aparição da Virgem que teria estabelecido contato com os devotos tendo em vista “alertar seus filhos” ou livrá-los do pecado por meio de graças ou milagres. A história da Virgem das Águas se assemelha a tantas outras permeadas no território nacional. No Brasil a Virgem Maria possui diversas representações, que segundo Aducci (1998) realiza função importante na Igreja Católica: a de universalizar a devoção a Nossa Senhora ligando-a nas causas articuladas no templo cristão, que seriam os mesmos que os do seu filho Jesus Cristo.

Como elucidamos, o culto mariano não é homogêneo, a Mãe de Jesus possui diversas representações e vários significados construídos e apropriados conforme o espaço, causa ou circunstância. Enquanto para a Igreja Maria é a Nossa Senhora, para o povo ela é singelamente a Senhora, a Mãe. De índole dogmática, para os fiéis a Virgem é considerada

uma criatura privilegiada pelas prerrogativas que Deus lhe concedeu. Maria é admirada pela bondade, amabilidade, modéstia, pela santidade que irradiava de todo seu ser, e pela beleza física, pois a Rainha é considerada depois de seu filho a mais perfeita das criaturas.

Nesse âmbito, segundo Couto (2004) a sua figura a torna ainda mais acessível e humana quando é representada no contato direto com camponeses, pescadores, enfermos, crianças, fiéis e pecadores. São por esses atributos que o culto popular mariano vem se permeando em séculos, manifestados nas formas de devoção inspirada por sentimentos como a confiança na bondade, na misericórdia, na sabedoria e no poder “miraculoso” da Matriarca Divina.

REFERÊNCIAS

ADUCCI, Edésia. Maria e seus títulos gloriosos. São Paulo. Ed Loiola. 1998.

AQUINO, Mauricio de. História e Devoção. A construção Social do culto a Nossa Senhora Aparecida do vagão queimado de Ourinhos (1954-2004). Bauru. EDUSC. 2011.

Bíblia Sagrada Edição Pastoral. Editora Paulus. 1990

CHARTIER, Roger. À Beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COUTO, Edilece Souza. Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860 – 1940). (dissertação) UNESP. 2004 Assis. São Paulo.

DE VARAZZE, J. (2003). Legenda áurea: vida de santos. São Paulo, Companhia das Letras.

MACHADO,. Nossa Senhora do Rocio, padroeira do Paraná. Curitiba. Governo do estado do Paraná.1998.

PETRUSKI, R. Maura. Julho Chegou... E A Festa Também: Sant'ana E Suas Comemorações Na Cidade De Ponta Grossa (1930-1961). Tese \ (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008

POPE PIUS XII: "[Munificentissimus Deus - Defining the Dogma of the Assumption](#)".Vatican, November 1, 1950.

REESINK, Misia Lins, PARA UMA ANTROPOLOGIA DO MILAGRE: Nossa Senhora, seus devotos e o regime Militar. Caderno CRH. Salvador v.18, n.44. p. 267-280. 2005.

SAEZ, Oscar Calavia. *Ídolos, mitos, legendas. Sobre a interpretação da iconografia católica.* In: MANOEL, Ivan Manoel; ANDRADE, Solange Ramos de (Orgs). Identidades religiosas. Franca: UNESP-FHDSS; Civitas Editora, 2008. p. 203-227

SANTOS, Antônio César de Almeida. Provimientos do ouvidor Pardinho para Curitiba e Paranaguá(1721) in. TOMAZI, Nelson Dacio. “Norte do Paraná” História e Fantasmagorias. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.